

CARLISE VEIGA

A UTILIZAÇÃO DAS NOVAS TECNOLOGIAS APLICADAS À PRÁTICA DOCENTE

CURITIBA

2003

CARLISE VEIGA

A UTILIZAÇÃO DAS NOVAS TECNOLOGIAS APLICADAS À PRÁTICA DOCENTE

**Monografia apresentada como requisito parcial
à obtenção do grau de Especialista no Curso
de Especialização em Metodologia do Ensino
das séries iniciais da Universidade Federal do
Paraná**

Orientador: Ricardo Antunes de Sá

CURITIBA

2003

Agradeço a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho.

Meu especial agradecimento ao professor e orientador Ricardo Antunes de Sá, pela orientação, acompanhamento e revisão do estudo, sobretudo pela sua compreensão e amizade.

SUMÁRIO

RESUMO	iii
1 INTRODUÇÃO	1
2 OBJETIVOS	4
2.1 OBJETIVO GERAL	4
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	4
3 JUSTIFICATIVA	5
4 ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO	7
5 CONTEXTO HISTÓRICO MUNDIAL	9
6 CARACTERIZAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO ESCOLAR	17
7 AS NOVAS TECNOLOGIAS EM SALA DE AULA	26
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	39
ANEXOS	41

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo discutir a importância, o conhecimento e a necessidade da utilização das novas tecnologias aplicadas à prática docente. Busca analisar o contexto escolar enfatizando a dinâmica em sala de aula e a prática docente referente à utilização das novas tecnologias, discutindo a necessidade do conhecimento e da utilização destas no processo de ensino-aprendizagem. Procura identificar os fatores que contribuem e geram a resistência dos professores na incorporação da utilização das novas tecnologias em sala de aula bem como ressaltar os principais pontos de intervenção para a superação da resistência dos professores às mesmas. Pretende-se através das discussões abordadas contribuir para as reflexões que venham a ser feitas na escola, na direção de busca de algumas alternativas e mudanças de postura, exigidas na contemporaneidade, no que se refere à melhoria da qualidade de ensino, sobretudo no processo de ensino e de aprendizagem.

Palavras chaves: novas tecnologias, ensino e aprendizagem

1 INTRODUÇÃO

Diariamente surgem novas e importantes descobertas científicas e tecnológicas, as quais transformam a sociedade e torna mais fácil e confortável a vida de parte da humanidade. O avanço da tecnologia nos diversos setores sociais aponta novos caminhos, os quais suprem de forma mais adequada nossas necessidades, bem como propicia maior compreensão do desenvolvimento humano e social. Tal avanço se propagou desencadeando o progresso, não apenas no setor tecnológico, como também nas relações sociais, na interdependência dessas relações e no cotidiano por nós vivido.

Segundo LEITE (2000, p.38), o atual contexto “caracteriza-se principalmente pela rapidez, mutabilidade, pluralidade e presença maciça da tecnologia nos meios de comunicação, nos negócios e na produção de riquezas materiais e de conhecimento”. O setor da educação também passou por diversas transformações, modificando métodos, técnicas, sistema de avaliação, objetivos quanto à priorização de conteúdos, desenvolvimento teórico e prático, dentre outros fatores, a fim de acompanhar todo este progresso. Conforme REINHART, em RAMAL (2000), as novas tecnologias podem tornar a aprendizagem mais produtiva e permitir o atendimento aos diferentes ritmos de aprendizagem “(*just in time learning*)” possibilitando um avanço mais significativo em termos de formação do educando.

Cabe analisar se realmente estes instrumentos avançados chegam à escola, principalmente a escola pública, de Ensino Fundamental e, se disponíveis, são utilizados pelos profissionais de forma que estes compreendam seu funcionamento e saibam, objetivamente, utiliza-los em sala de aula, como um recurso de ensino e melhoria no processo de aprendizagem.

Mesmo no ensino privado ou nas universidades (as quais “formam” os profissionais), podemos indagar se há o contato e a utilização dos recursos tecnológicos e em que “circunstâncias” acontece? Outra questão importante é quanto a formação dos profissionais da educação: Os mesmos recebem subsídios de forma a estarem preparados para este universo?, pois “o emprego progressivo da tecnologia em sala de aula é uma das tendências da educação de nosso tempo” (RAMAL, 2000, p.44) e todos devem estar preparados ou estarem se preparando.

Com o avanço tecnológico e as mudanças ocorridas na sociedade e no setor

educacional “os professores podem – e terão que – passar da postura de ‘líderes oniscientes’ para a de ‘guias’ ... que com computadores, se tornam facilitadores, colaboradores ou intermediários dos recursos” (RAMAL, 2000, p.45). Assim sendo, para alcançar tais objetivos, é necessário termos profissionais capacitados para compreenderem e agir de forma a acompanhar o progresso tecnológico e promover o progresso educacional. Mas ainda há profissionais da educação que apresentam dificuldades quanto à compreensão e não crêem na estruturação e efetivação de tais mudanças, não as acompanhando e, conseqüentemente, obtendo resultados insatisfatórios e até negativos, contribuindo assim, para os altos índices de evasão, repetência e déficit na aprendizagem configurando, algumas vezes, o fracasso escolar.

Ou ainda, como traz LEITE (2000, p.41), “alguns educadores estão amedrontados com o avanço das tecnologias da comunicação, acreditando que elas possam vir a ocupar um espaço maior na educação contribuindo para o questionamento da importância e do papel do professor e colaborando com seu processo de desvalorização”.

Assim sendo continuam atuando da mesma forma, dando as mesmas aulas, abordando os mesmos temas e princípios que trabalhavam há vinte anos, suas técnicas estão defasadas, superadas, não sendo condizentes com a realidade atual.

Para alguns professores, com muita experiência em sala de aula, a aceitação das novas tecnologias educacionais é uma grande barreira. Talvez pelo longo tempo de trabalho que possuem e, talvez por estarem próximos da aposentadoria, julguem que não precisam mais rever suas práticas educativas, porque já “sabem” o suficiente ou porque já estão tão acostumados com a sua maneira de atuar e consideram muito trabalhoso ou mesmo uma “perda de tempo” modificar suas aulas.

As transformações e “o impacto dessas tecnologias no setor da educação, ao mesmo tempo que, sacode antigas convicções e velhas práticas pedagógicas, não conseguem despertar nos profissionais da educação uma análise objetiva e corajosa para poder estabelecer novas fronteiras que essas tecnologias abrem ou as velhas que elas fecham” (PINO, 2002. <http://lite.fae.unicamp.br/sapiens>). Por esta razão muitos professores desenvolvem suas aulas da mesma forma que os demais já citados, sem nenhum atrativo para os alunos.

Podemos hipoteticamente atribuir tais posturas à falta de qualificação profissional ou ao medo de perder o controle e o domínio da sala de aula.

Podemos dizer também que, no bojo desta não aceitação às novas tecnologias, encontra-se o fato de não saberem utiliza-las objetivamente de forma a enriquecer e, até mesmo, melhorar as aulas e a aprendizagem e o desenvolvimento do educando.

Contudo, encontramos profissionais “novos” na educação, com idéias de renovação, muita criatividade e força de vontade, que poderiam fazer a diferença no processo educativo, mas são mal vistos, mal compreendidos e muitas vezes discriminados, testados e barrados por alguns professores tidos como mais “antigos”.

O problema torna-se mais evidente e complexo quando essa renovação da prática docente é imprescindível para o desenvolvimento da escola e, principalmente, do aluno. Mas o que se firma é o autoritarismo, a inflexibilidade, a aceitação mascarada do novo frente à supervisão da escola e a prática real existente, obsoleta, medíocre que trata o conteúdo pelo conteúdo, sem nenhuma relação com a realidade e sem ser interessante aos olhos das crianças e muito menos necessário e significativo para sua vida.

Sabe-se que a educação brasileira está se adaptando às necessidades da sociedade, e o principal desafio é a adaptação às grandes modificações sociais, culturais e econômicas criadas pela explosão das novas tecnologias. Nesse sentido, inovar é indispensável, e urgente, mas não se trata de adaptar a educação às tecnologias e sim iniciar um novo momento de aprendizado. Desta forma a situação em que se tenta a flexibilidade do professor em se conhecer e utilizar novas tecnologias é muito delicada e requer muita cautela, estudo, discussão e preparo dos profissionais. Encontram-se aí os grandes entraves: De que forma pode-se agir para trabalhar a resistência de tais profissionais à compreensão e utilização das novas tecnologias em sala de aula? O que tem que se ter como primordial para lidar com esta situação? Como vencer realmente as resistências e auxiliar os profissionais, validando novas experiências em sala de aula? Como manter o equilíbrio na prática pedagógica evitando uma prática baseada nos extremos, onde o autoritarismo com aulas monótonas e improdutivas, ou, a liberdade excessiva, com a utilização de tecnologias de maneira errônea e sem objetivos, dominem? E, principalmente: Como interferir nesta prática tornando-a equilibrada, conciliadora e efetiva, sem que o professor “se perca”, prejudicando todo o processo? Enfim, essas são questões importantes que permeiam a problemática da utilização das novas tecnologias aplicadas à prática escolar.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Discutir a importância, o conhecimento e a necessidade da utilização das novas tecnologias aplicadas à prática docente.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Analisar o contexto escolar enfatizando a dinâmica em sala de aula e a prática docente referente à utilização das novas tecnologias.
- Discutir a necessidade do conhecimento e da utilização das novas tecnologias no processo de ensino e de aprendizagem.
- Identificar os fatores que contribuem e geram a resistência dos professores na incorporação da utilização das novas tecnologias em sala de aula.
- Identificar os principais pontos de intervenção para a superação da resistência dos professores às novas tecnologias.

3 JUSTIFICATIVA

Como já exposto anteriormente, o mundo está em constante evolução técnica, científica, cultural e social, e tudo isto em um ritmo bastante acelerado, o que nos exige atualização e renovação constante para acompanhar todo este desenvolvimento.

Assim como as mudanças das tecnologias, a pluralidade de idéias também ocorre em grande velocidade (WURMAN in LEITE, 2000, p.38), assim sendo devemos também, nos preparar e atualizar nossos conhecimentos para podermos compreender, analisar e atuar na sociedade contemporânea.

Para que os professores possam acompanhar este progresso, alcançar um equilíbrio e desenvolver domínios teóricos e práticos necessárias para compreender, analisar, agir e refletir sobre a realidade em que vivemos e, principalmente, instrumentalizar nossos educandos, é necessário compreender tudo de novo que há em termos de informação, ciência e tecnologia, que possa nos auxiliar nesta tarefa.

Assim sendo “cabe à escola ensinar o aluno a lidar com a informação e não a consumi-la, apenas. Por isso é necessário que os meios técnicos de informação estejam à disposição da escola; que a ciência e a tecnologia façam parte do seu cotidiano reflexivo” (NETO in LEITE, 2000, p.41).

Para que o educando tenha acesso a tais informações e o suporte tecnológico adequado, é primordial que o professor tenha acesso a estes materiais e informações, os conheça de fato, saiba como funcionam, como utiliza-los objetivamente, para que possa proporcionar ao educando uma aula mais dinâmica, atual e, sobretudo, aprendizagens que lhes seja significativas.

Vale lembrar que, no âmbito dessas preocupações, antes da utilização dessas novas possibilidades tecnológicas é determinante que o professor compreenda e incorpore as novas linguagens que permeiam a utilização do vídeo, do rádio, da TV, do computador etc. Sendo que para que ocorra esta compreensão e incorporação, “além da prontidão cognitiva, é necessário que o indivíduo tenha interesse pelo conhecimento a ser adquirido, que se sinta motivado, ou seja, que tenha a vontade, o impulso ou a necessidade de aprender” (VEIGA, 1999).

Segundo DUNLEY JR, em RAMAL (2000), partindo da definição socrática de que o professor deve ser mais que um professor-tutor, deve ser um guia, um parteiro, traça o paralelo de que nos dias de hoje, o professor deve ser um parteiro

cibernético, possuidor de um olhar crítico sobre as mudanças ocorridas, um profissional capacitado para compreender e enfrentar os desafios da contemporaneidade, sendo capaz de dominar os códigos nos quais circula a informação, bem como para conviver com a racionalidade das novas tecnologias, transformando-as em instrumentos que melhorem a qualidade do seu trabalho e, sobretudo, a qualidade de vida.

O intuito deste trabalho é discutir a importância e a necessidade da utilização das novas tecnologias na prática escolar, não somente como um atrativo a mais, mas como uma fonte de reflexão e informação necessárias ao desenvolvimento do educando.

Partindo deste princípio, a pesquisa buscará analisar o contexto em sala de aula e as relações existentes entre o professor e a utilização de tecnologias em prol do aprendizado e da instrumentalização do educando para agir em, nossa sociedade.

Enfim esta pesquisa buscará nos conduzir a reflexão teórica e prática com uma preocupação pedagógica, que venha a somar com os conhecimentos e informações já existentes, delineando, assim, alternativas de um fazer pedagógico, efetivo e transformador.

4 ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO

O presente trabalho monográfico foi realizado no decorrer do 2º semestre do ano de 2002, sendo finalizado no início do ano de 2003.

Foram realizadas algumas reuniões para conhecimento professor – aluno e para discussão de como seria melhor encaminhar o desenvolvimento do trabalho.

A proposta do tema, seus objetivos e a justificativa para o desenvolvimento do trabalho, foram apresentados ao orientador o qual analisou, fez apontamentos, discutiu e auxiliou numa melhor definição de objetivos a serem atingidos.

A partir de objetivos claramente definidos, foi discutido e estruturado o encaminhamento da Fundamentação Teórica, a qual foi dividida em cinco partes/capítulos a serem desenvolvidos. A primeira parte/capítulo busca retratar o Contexto Histórico Mundial, delineando o quadro geral do contexto econômico, político, ideológico e tecnológico. A segunda parte busca caracterizar o Trabalho Escolar, discutindo a função e o papel da escola, do professor, a comunidade e a busca pela efetiva ação cidadã. A terceira parte/capítulo busca discutir a importância, o conhecimento e a necessidade da utilização das novas tecnologias aplicadas à prática docente, através da análise do contexto escolar enfatizando a dinâmica em sala de aula e a prática docente referente à utilização das novas tecnologias, bem como discutindo a necessidade do conhecimento e da utilização das novas tecnologias no processo de ensino e de aprendizagem, identificando os fatores que contribuem e geram a resistência dos professores na incorporação da utilização das novas tecnologias em sala de aula e os principais pontos de intervenção para a superação da resistência dos professores às novas tecnologias. A quarta parte/capítulo foi elaborada a partir de questionário e a quinta e última parte da fundamentação contendo as Considerações Finais.

A partir deste momento, o orientador selecionou vários textos e referenciais a serem estudados e discutidos.

Cada etapa do trabalho foi, primeiramente, feita a leitura dos referenciais selecionados. Após a leitura, em reunião, foram discutidos os pontos principais para aprofundamento, solucionadas dúvidas, para então dar início à elaboração do texto. O texto era enviado, via e-mail, para o orientador ler, analisar, intervir e retorná-lo com apontamentos e sugestões para os devidos ajustes, complementações e aprofundamentos. Feitas às complementações o texto era novamente enviado ao

orientador, o qual verificava e retornava com sua avaliação.

Após toda a discussão em torno dos referenciais teóricos, para verificação de como se daria a temática estudada no cotidiano, foi elaborado um questionário, o qual fora analisado e discutido com o orientador, e aplicado à oito professoras pertencentes ao quadro de funcionários da rede municipal de Ensino de Pinhais, as quais trabalham em duas diferentes escolas.

5 CONTEXTO HISTÓRICO MUNDIAL

Vivemos em meio à uma sociedade que se transforma a cada instante, num processo de relações dinâmicas e, sobretudo, intensas, as quais proporcionam o progresso em um ritmo bastante acelerado. Este processo vem se desenhando há pelo menos 500 (quinhentos) anos, delineando-se conforme os contornos dados/estabelecidos pelo sistema capitalista.

Segundo IANNI (1993, p.54), “desde as grandes navegações iniciadas no Século XV, até o presente, em fins do século XX, o capitalismo provoca constantes e periódicos surtos de expansão, de tal maneira que se revela simultaneamente nacional e internacional, ou propriamente global.”

Constatamos que a ideologia e o modo de produção capitalista fazem parte da história mundial recente, caracterizando a estruturação econômica, social, política, científica e tecnológica, estando, assim, no bojo da estruturação da sociedade, sendo que em determinados períodos, nações/regiões, deu-se de forma mais intensa e abrangente do que em outras. Porém, mesmo diante das crises jamais estagnou, pelo contrário as crises provocaram o crescimento das tecnologias, da ciência e de demais setores sociais configurando o percurso sólido do capitalismo, o qual “continua a desenvolver-se como um modo de produção material e espiritual, simultaneamente nacional e internacional, sendo a rigor um processo civilizatório universal” (IANNI, 1993, p.53).

Através dos tempos, a história mundial nos mostra que o capitalismo foi tomando formas mais amplas e ganhando proporções territoriais e de poder cada vez maiores, sendo que há dois séculos está tomando conta do mundo, ditando regras, agregando e transformando valores. Desta forma está civilizano o mundo perante seus ideais e objetivos.

Sendo o capitalismo uma “forma de organizar a vida e o trabalho, ou processo civilizatório, que se expande contínua e reiteradamente pelos quatro cantos do mundo” (IANNI, 1993, p.55), configura-se, então, como um sistema vivo, o qual está em constante expansão (em todos os setores) e segundo SWEEZY (in: IANNI, 1993, p.55), “sempre foi internacional em seu escopo e durante os dois ou três últimos séculos alcançou dimensões globais”, criando e recriando as forças produtivas e as relações de produção, concentrando e centralizando o capital em escala mundial.

A história do capitalismo pode ser reconhecida/vista como a própria história da

mundialização e da globalização devido a dinâmica de relações existentes, num movimento cíclico e antagônico de avanço, crise, retração, transformação, poder e domínio/dominação dos territórios, povos, culturas... Sua trajetória é bastante ativa e marcante, sendo que do Século XVI ao Século XX passou pelo “mercantilismo, a acumulação originária, o absolutismo, o despotismo esclarecido, as revoluções burguesas, os imperialistas, as revoluções de independência, as revoluções socialistas, o terceiromundismo e a globalização em marcha nesta altura da história.” (IANNI, 1993, p. 56), caracterizando, desta forma, a versatilidade de reestruturação do capitalismo perante as transformações históricas e socioculturais, demonstrando seu poder de alteração, adequando-se (e adequando ao mesmo tempo) à época e ao jogo das forças do mercado mundial.

Atualmente o capitalismo determina as relações e produções sociais, culturais, tecnológicas, econômicas e políticas, ao mesmo tempo em que é amparado e sustentado por estas relações. Ou seja, há uma alimentação e realimentação destas forças e do capitalismo, numa relação interdependente necessária e determinante ao desenvolvimento e ao progresso, bem como da expansão do poder e da ideologia por elas sustentadas e em contrapartida estas forças são referendadas pela ideologia capitalista. Desta forma o capitalismo convencionaliza mundialmente seus preceitos e ideais e discrimina tentando abafar os outros ideais existentes, bem como traz resultados negativos e positivos. Positivos no sentido de proporcionar o bem estar, o acesso à informações, conhecimentos e bens à todos os países e regiões no globo terrestre, e, negativos no sentido de que mesmo sendo global, não são todas as pessoas que dela se beneficiam. Há uma grande parcela da sociedade que ainda está restrita a este acesso.

A globalização pode ser vista como uma pista de mão dupla, onde por um lado traz enorme progresso e benefícios à sociedade e, do outro lado, marginaliza e condena à uma sobrevivência a maioria da população mundial. “No âmbito do capitalismo tudo se move; ao mesmo tempo em que se produz e reproduz, modifica, transforma e configura. Desenraizam-se gentes, culturas, religiões, línguas, modo de ser, replantados perto e longe, além dos mares e oceanos, em outros continentes.” (IANNI, 1993, p.62)

Aos poucos a globalização toma proporções que podem possibilitar a transformação de todas as nações em uma só e, concomitantemente, propiciar um entendimento global, abafando as culturas específicas de cada povo, desta forma

sufocando a singularidade e propondo uma pluralidade comum de ideais, informações, conhecimentos, promovendo, segundo IANNI (1993), um holocausto cultural.

A progressão do capitalismo trouxe não apenas a ambigüidade de relações e de processos, como também desenvolveu, influenciou e determinou diversas mudanças em todos os setores da organização social, o que, aliás, continua fazendo. “As mesmas forças produtivas engajadas no desenvolvimento extensivo e intensivo do capitalismo produzem tanto a integração como a fragmentação... Nesse sentido tanto produz a interdependência mundial como produz e reproduz contradições localizadas e gerais, nacionais e globais” (IANNI, 1993, p. 67).

O discurso capitalista, hoje, está embasado na ideologia neoliberal, a qual torna-se dominante numa época em que os Estados Unidos detêm o poder hegemônico e exclusivo sobre o mundo. Busca responder às questões e crises do Estado Nacional, o qual, a seu ver, foi causada a partir da ineficácia do mesmo perante o processo de globalização, sendo este “o processo de interligação crescente das economias das nações industrializadas por meio do comércio e das novas tecnologias” (MARRACH, 1996, p. 42).

O neoliberalismo privilegia as questões econômicas e enfatiza mais os direitos do consumidor do que as liberdades públicas. Contesta a participação do Estado em detrimento aos direitos sociais, buscando a criação do Estado Mínimo, reduzindo ainda mais o poder estatal.

O pressuposto em que se baseia o neoliberalismo é de que “a economia internacional é auto-regulável, capaz de vencer as crises e, progressivamente, distribuir benefícios pela aldeia global, sem a necessidade de intervenção do Estado” (MARRACH, 1996, p. 43).

O lucro tornou-se o pivô central do processo econômico capitalista. Há uma dinâmica em que se criam produtos para se tornarem gêneros de necessidade e não os criam a partir das próprias necessidades, assim pode-se afirmar que “o cidadão foi reduzido à mero consumidor” (MARRACH, 1996, p. 43).

O neoliberalismo é difundido enquanto ideologia pelos organismos financeiros internacionais como: FMI, Banco Mundial e pelas grandes corporações internacionais e multinacionais, defendendo a liberdade econômica, sem intervenção do Estado.

Perante a dominação do capitalismo há várias desigualdades, sendo que a concentração de renda é um dos maiores entraves econômicos que temos, o qual

vêm dos primórdios das civilizações. Poucos detêm o poder e o dinheiro, muitos compõem a camada de trabalhadores que produzem este capital, através da extração da mais valia e para isso recebem um salário que mal lhes serve para satisfazer as suas necessidades básicas de subsistência e, uma camada em constante crescimento e em velocidade acelerada, paupérrima, caracterizada por desempregados, sem teto, cidadãos que são marginalizados pela própria sociedade. Desta forma a distribuição de renda exclui e desqualifica as pessoas para terem um modo de vida digna.

O mercado mundial ampliou no decorrer dos séculos de forma que, hoje, quase inexitem fronteiras. Produtos utilizados em um lado do globo terrestre são produzidos a partir da matéria prima advinda de países do outro extremo territorial global, fazendo com que as relações econômicas sejam ainda mais estreitas, globalizadas e, sobretudo, lucrativas.

No setor político, as grandes forças da ideologia capitalista não têm mais grandes poderes em oposição, desta forma, dominam todo o globo terrestre, dirigem o mundo massificando a grande população e expandindo ainda mais seus poderes.

A oposição fica por conta de grupos extremistas por movimentos como: dos trabalhadores, dos sem terra, dos sem teto, de lideranças não governamentais e demais grupos excluídos e marginalizados pela sociedade.

Os poderes públicos pouco estão fazendo pela construção de uma igualdade social, pois as ações que beneficiam a sociedade também não são de amplitude total, ou seja, apenas atendem apenas algumas necessidades de uma pequena parcela da sociedade.

A corrupção, a falta de escrúpulos, quanto a ser representante do cidadão, impera, e, muitas ações são infrutíferas, ineficazes e sobrepujadas pelas ações que buscam alianças, coligações para o fortalecimento da ideologia dominante, a capitalista globalizada.

O setor científico tecnológico se desenvolveu em um ritmo fantástico. Muitas foram as descobertas, invenções e criações, que, além de trazer conforto, cura, conhecimento, possibilita ao homem informar-se sobre tudo o que lhe interessa a qualquer momento, entrando em contato com qualquer parte do mundo, em tempo real, na hora em que desejar. Porém vale lembrar que apesar dos grandes benefícios, possibilitados pela tecnologia, esta está embasada na lógica capitalista e tudo o que se desenvolve é em prol do lucro e dos interesses econômicos

dominantes.

A incorporação de todos estes fatores citados, bem como de todos os territórios e nações à globalização se dão pela modernidade, a qual, é utilizada em detrimento à modernização, pois segundo Raimundo FAORO (in: MARRACH, 1996, p. 44) a modernidade “decorre de um movimento espontâneo da sociedade, da economia, capaz de modificar o papel dos atores sociais e de revitalizar a vida social, econômica, cultural e política dos indivíduos, grupos e classes sociais”, enquanto que a modernização é “uma reforma do alto, implementada por um grupo ou classe dirigente... que privilegiando-se, privilegia os setores dominantes”.

Para a ideologia neoliberal, a educação passa a fazer parte do mercado e a funcionar como ele, deixando de pertencer ao campo social. Seus ideais baseiam-se em atribuições de responsabilidade e culpa do Estado por todas as mazelas sociais, dentre elas, o insucesso do setor educacional.

Com o intuito de sanar tais mazelas, o neoliberalismo atribui à educação um papel estratégico, que, segundo MARRACH (1996, p.46-48), tem três objetivos:

“1) Atrelar a educação escolar à preparação para o trabalho e a pesquisa acadêmica ao imperativo do mercado ou às necessidades da livre iniciativa...

2) Tornar a escola um meio de transmissão dos seus princípios doutrinários...

3) Fazer da escola um mercado para produtos da indústria cultural e da informática...”

Ao mesmo tempo que, se busca fazer da escola um mercado, contribui com ela, pois lhe dá a possibilidade de atualização em meio aos novos recursos tecnológicos e novas informações e conhecimentos. É através dos materiais produzidos pela indústria cultural de informática e de tecnologia que os profissionais da escola podem estar em contato com o real contexto produzido pela sociedade atual. Mesmo que os produtos à disposição estejam imbuídos da ideologia dominante, eles são úteis e necessários para a construção do conhecimento, auxiliando na instrumentalização dos educandos. Para tanto há de se ter consciência da necessidade de analisar os conteúdos por eles veiculados e utilizá-los de forma crítica, contribuindo para a construção do conhecimento pelo educando.

Todos estes objetivos, para o neoliberalismo, serão alcançados com a educação no âmbito do mercado, através das técnicas de gerenciamento, tendo como resultado a qualidade total, a qual “traz no bojo o tecnicismo que reduz os problemas sociais a questões administrativas, esvaziando o campo social e político

do debate educacional, transformando os problemas da educação em problemas do mercado e técnicas do gerenciamento” (MARRACH, 1996, p. 52).

Permeando todo este desenvolvimento global e ideológico está o avanço científico e tecnológico, sem o qual não haveria a possibilidade da ascensão do capitalismo e da globalização para todo o planeta e em um ritmo tão acelerado.

São os meios de comunicação via satélite e o desenvolvimento de todo o aparato tecnológico que permitem as grandes corporações saberem a todo instante o que ocorre no mundo, quais os riscos e possibilidades, bem como o poder de movimentação financeira, em segundos, evitando perdas e evidenciando lucros.

O papel da escola, perante o capitalismo, objetiva a preparação da mão-de-obra para o mercado, que, segundo Ricardo Antunes (in MARRACH, 1996, p.53) é mais excludente que o próprio sistema escolar, pois no Brasil “a modernização neoliberal assim como as anteriores não tocam na estrutura piramidal da sociedade. Apenas amplia sua verticalidade, o que se nota pelo aumento do número de desempregados, de moradores de rua, de mendigos, etc. Em outras palavras, a pirâmide social se mantém e as desigualdades sociais crescem” (MARRACH, 1996, p. 53).

Desde a década de 50, período pós-guerra, vive-se o fenômeno da pós-modernidade, o qual “está centrado na problemática da informática, ou seja, na sociedade altamente automatizada, numa sociedade de consumo de massa referenciada pelos meios de comunicação, pelos signos, portanto um período em que os homens se relacionam mais com símbolos do que com a própria realidade” (SAVIANI, 1991, p. 18). Podemos dizer então, que o período pós-moderno é o período da revolução da informática. Assim, o moderno está diretamente ligado à revolução das máquinas, na conquista e domínio da produção e na produção material, enquanto que a pós-modernidade marca-se pelo avanço tecnológico, pela produção da comunicação, da informática, dos símbolos, tendo tudo muito bem planejado, através de modelos e testados através de simulações em computadores.

Segundo SAVIANI (1991, p. 18) “o mundo pós-moderno está, pois, impregnado pela cibernética, pela robótica industrial, circuitos eletrônicos, etc.”, criadas e construídas a partir das diversas mudanças e transformações sociais. Uma das mudanças no campo social é quanto à classe dominante, hoje denominada e dominada pelos tecnoburocratas, gestores que compreendem e utilizam todo este universo tecnológico em prol da continuidade da sua ideologia tendo como opositores

as classes excluídas socialmente.

A pós-modernidade é marcada pela contradição entre o avanço material e uma certa estagnação cultural provocada pela padronização e consolidação de ideais e conceitos. Ou seja, a pós-modernidade traz consigo o avanço tecnológico, científico, econômico e material, o qual através da globalização, tem sua expansão pelo mundo. Simultaneamente que estes avanços são assimilados pela sociedade em geral, tornando-se eixo principal para embasamento e decisões de ações, comum à todos, em alguns casos abafam culturas regionais, também importantes no todo do contexto histórico da humanidade, considerando os “novos” conhecimentos e avanços como se fossem únicos.

Em meio a estas contradições, crises, mudanças e estagnação a compreensão e utilização da informática é imprescindível para poder viver e atuar na sociedade. Segundo SAVIANI (1991, p. 25), na era da pós-modernidade, podemos mudar a frase marcante e cheia de significados de Descartes de “Penso, logo existo”, a qual marcou a era da modernidade, para “Digito, logo existo”, como marca da era pós-moderna.

O que acontece por sua vez, em termos culturais e, mais especificamente, educacionais, é que a escola surgiu e, ainda hoje, vive na era da modernidade, se equivocando em meio à pós-modernidade. Pois a escola trata os conhecimentos como se vivêssemos em outra época. Está no presente, lidando com acontecimentos presentes, muitos com raízes no passado, porém sua forma de visão e transmissão dos conhecimentos remete-se apenas ao passado, sem considerar e utilizar os meios proporcionados pelos avanços disponibilizados hoje, não avançando para o alcance de seus objetivos.

Com a sociedade capitalista e todas as mudanças por ela trazida, a “educação deixa de ser uma forma secundária e subordinada e passa a ser a forma dominante de educação. É a partir da modernidade que educar passa a ser, fundamentalmente, escolarizar” (SAVIANI, 1991, p. 30).

Porém, com a pós-modernidade a escola passa a ser apontada como apenas uma das formas de educação, havendo a tendência à desvalorização e esvaziamento da escola, ao mesmo tempo em que se é cogitado e reivindicado o direito da educação ser mantida, regida por outros órgãos, como clubes, sindicatos, igrejas, etc., caracterizando a crise da educação e da escola.

Desta forma, os currículos escolares são compostos por modismos, ficando à

revelia, perdendo-se de vista, o papel fundamental da escola, que é a transmissão e assimilação do saber sistematizado. Portanto, o objetivo da escola não é ensinar a digitar, mas possibilitar e garantir a compreensão do funcionamento dos computadores através de um domínio mais sólido daquilo que fundamenta a própria possibilidade da existência destes de modo que com as habilidades e capacidades necessárias e bem consolidadas os educandos estejam instrumentalizados para lidar com eles e compreender seus mecanismos, para poder compreender e agir na sociedade.

6 CARACTERIZAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO ESCOLAR

Procuramos discutir até o momento, as transformações gerais ocorridas na sociedade, suas relações nos diversos setores da organização social, sobretudo a influência do setor econômico, do regime capitalista e da ideologia neoliberal, sobre a definição dos caminhos a serem seguidos pelos países em prol da mundialização, ressaltando os avanços tecnológicos e científicos como “peças fundamentais” neste processo, sendo, ao mesmo tempo, gerados pelas crises e, geradores de transformações.

Cabe agora analisar o papel e a organização da “escola moderna” frente à este contexto social, discutindo sua função e sua posição quanto à formação de cidadãos atuantes nesta sociedade globalizada e tecnologicamente ativa.

Sendo o trabalho, um processo pelo qual o homem se educa, constrói sobrevivência e transforma a vida e sua existência, procuraremos discutir as relações entre a escola e sua função na “preparação para o trabalho”, considerando as características primordiais da organização do trabalho no capitalismo.

Iniciaremos pela definição do que é a escola, qual é o seu significado perante a sociedade capitalista e perante às transformações e avanços tecnológicos e científicos da sociedade globalizada.

A escola é uma instituição social e, como tal, não pode ser concebida como uma instituição autônoma, independente e sem relação com o contexto histórico e social da qual é pertencente. “A escola é parte integrante e inseparável do conjunto dos demais fenômenos que compõem a totalidade social” (FRANCO, 1987, p.54), assim sendo não pode ser considerada como alheia ao processo histórico e social, como se dela não fosse um produto e também um palco de transformações.

Tanto a escola, como a sociedade em que vivemos não são produtos determinados e imutáveis. Pelo contrário, são produtos das relações sociais e da prática social de grupos e de classes, podendo ser transformadas dependendo das influências sociais e de fatores determinantes que as levem à mudança.

A escola pode ser percebida, então, como produto resultante da prática histórica do homem e da sociedade e, que, como esta, pode ser transformada, ao passo que também pode contribuir para a transformação da sociedade. Segundo FRANCO (1987, p.55). “Essa postura implica considerar a escola concomitantemente como reprodução/transformação da realidade histórico-social existente, ou seja, a

escola é e não é reprodução, é e não é transformação”. Porém não podemos recair na ingenuidade de conceber a escola como uma força determinante equivalente as demais forças sociais. Com certeza a escola não deixa de influenciar os fatores determinantes, porém, como os demais fenômenos sociais, está subordinada à economia e as relações de poder simbólico, as quais são os de maior força e poder determinante dentro da sociedade.

Como instituição social, apesar de não ser sua função preponderante, a escola desempenha um papel importante na manutenção e conservação da estrutura social atual. A escola “desempenha um importante papel no sentido de formar (e aprimorar) a força de trabalho, ratificar as desigualdades sociais, inculcar a ideologia dominante, ou seja, no sentido de difundir crenças, idéias, valores, etc. compatíveis com a ordem social vigente” (FRANCO, 1987, p.55).

Porém este fato não ocorre deliberadamente, sem restrições e contradições, pois a escola, ao mesmo tempo em que propicia uma formação de mão-de-obra para o mercado, pode capacitar os educandos ampliando seus conhecimentos, sua competência conduzindo ao conhecimento mais elaborado, possibilitando aos indivíduos conhecer, analisar e fazer opções que lhes são favoráveis e que lhes dão a capacidade necessária para concorrer a melhores cargos e salários no mercado de trabalho, bem como a lutar por seus direitos na sociedade. Tornando possível o acesso de todos ao saber elaborado, a escola contribui para a busca de transformações.

A escola tem por função “preparar o indivíduo para o exercício da cidadania moderna, para a modernidade. Isso significa formar o homem capaz de conviver numa sociedade em que se cruzam interveniências e influências mundiais da cultura, da política, da economia, da ciência e da técnica” (RODRIGUES, 1988, p. 55), isso se dará através da construção de conhecimentos, conhecimentos estes vivos, concretos, ligados às experiências de vida dos alunos e às exigências históricas e sociais da atualidade. Para tanto o uso das linguagens tecnológicas, tão presente no cotidiano das pessoas, e, tão ausente do processo educativo, se bem utilizados possibilitam aproximar ainda mais os alunos dos conhecimentos práticos e teóricos, resultando em aprendizagens significativas, partindo, assim do contexto real vivido pelos alunos, atingindo às realidades sociais mais amplas.

Para desempenhar seu papel a escola deve estar organizada de maneira a permitir o alcance do seu maior objetivo, sendo que para isso conta com um sistema

composto por professores, currículo, disciplinas, entre outros fatores, que num primeiro momento distinguem a educação escolar (sistemática) de outras formas de educação (assistemática). Não se pode considerar a educação escolar como única e sem relação com as demais práticas sociais, nem confundi-las.

A transmissão dos conhecimentos historicamente acumulados pelo homem é necessária mas não é a única e verdadeira função de uma escola que pretende contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Assim sendo a educação escolar não pode ser reduzida à pura transmissão de conhecimento. O saber elaborado deve ser significativo ao aluno, sendo obtido mediante um processo de construção do conhecimento, tornando-se vivo e concreto e não se resumindo apenas a informações abstratas e sem conexão com a realidade. Um dos meios para se atingir tal objetivo é lançar mão de uma prática educacional mais dinâmica, levando o aluno a entrar em contato com o objeto de estudo de forma a utilizá-lo interessante, provocativo. Para tanto não basta apenas a transmissão oral/verbal dos conteúdos, o professor deve utilizar diversos instrumentos tecnológicos e didáticos para que obtenha um resultado satisfatório.

Vale lembrar que os alunos vivem cercados por programas de rádio, tevê, vídeos, filmes e jogos que são muito interessantes. São meios que os envolvem de maneira total, fazendo-os sentir prazer em estar em contato, mesmo que virtual, com estas linguagens. Estes recursos são ricos em detalhes, cores, movimentos, sensações. A imagem transmitida é sedutora, faz com que as crianças e, mesmo os adultos, fiquem horas em frente a estes aparelhos. Por diversas vezes quando chega na escola o aluno se vê em meio a uma sala, onde há poucas imagens que lhes são significativas, quem dirá, atraentes. As informações com as quais lida é desconectada da sua vivência e sem relação com seus interesses. Na maioria das vezes, as aulas são orais, tendo como recursos apenas o livro didático (o qual, na maioria das vezes, se apresenta de forma estanque e superficial), giz e quadro negro. Quando muito há alguns cartazes pela sala. Porém para o educando tudo é tão estático, sem cor, sem sentido, sem sabor.

As múltiplas linguagens existentes e tão vivas em nosso meio são ignoradas por muitos professores, os quais tentam, em vão, com suas aulas “desmotivadoras”, concorrer com toda a gama de recursos tecnológicos com as quais os alunos têm contato diariamente. O mais lógico seria utilizar estes recursos como aliados ao processo educativo, ressaltando o que neles há de melhor para contribuir para o

aprendizado do aluno.

Assim como os conhecimentos devem refletir sobre o modo de vida social, a maneira como são construídos e tratados pelos educadores também devem estar articulados com a realidade social e com as experiências de vida, traduzindo os comportamentos humanos e as formas de organização da sociedade de acordo com o tempo e espaço em que estamos vivendo. Num mundo informatizado e robotizado, a informática e a tecnologia não podem ser esquecidas e ficarem alheias ao processo.

As informações e conhecimentos, tratados pela escola, não podem ser concebidas como um fim em si mesmas e sem correlação com as relações sociais e com os resultados obtidos pela sociedade. Ou mesmo serem vistas de um único ângulo, sem ambigüidade de extensão e de interferência nos diversos setores sociais, de maneira unilateral, servindo, então, aos ideais da classe dominante.

É necessário, então, que a escola busque urgentemente, de maneira mais adequada de ir além da transmissão dos conteúdos, buscando o próprio significado destes, refletindo e fazendo o aluno refletir, através da utilização de diferentes recursos tecnológicos e didáticos, sobre a importância destes conhecimentos para a vida do homem na sociedade presente, construindo seu significado social.

Para que isto tenha efeito e realmente aconteça é necessário transformar conceitos e organizações engendradas nas escolas existentes, pois segundo FRANCO (1987, p.60) "os alunos não têm se apropriado satisfatoriamente dos conhecimentos escolares", isto de fato ocorre, mas não podemos generalizar a sua amplitude, bem como não podemos deixar de destacar que as dificuldades são muitas, sendo que estas devem ser superadas pelas escolas, de forma geral, pelos professores e pelo sistema escolar como um todo.

Dentre estas dificuldades e/ou barreiras podemos citar a fragmentação na formação do professor, o que carrega um domínio mínimo e pouco sólido dos conteúdos a serem transmitidos, bem como a falta de relação entre teoria e a prática. A remuneração baixa, também é um fator a ser considerado, pois leva o professor a ter vários empregos para suprir suas expectativas e necessidades econômicas, desgastando-o e fazendo decair seu rendimento no trabalho, não lhe proporcionando tempo e recuso suficientes para capacitar-se.

Outro aspecto importante é que ainda são muitos os professores que planejam suas aulas para alunos ideais, que não consideram a diversidade na sala de aula e

desprezam as diferenças individuais de cada aluno e seu tempo próprio de aprender. Lidam, então, com alunos de forma homogênea, não atingindo à todos em seus diferentes ritmos de aprendizagem.

O conhecimento, muitas vezes na escola está sendo tratado, de maneira estanque, sem relação com a realidade e com o contexto social em que vivemos, sem serem remetidos à sua historicidade.

Segundo FRANCO (1987, p. 63) os problemas citados “estão intimamente ligados à maneira como a escola tem organizado e desenvolvido o seu trabalho. Esta maneira traz conseqüências diretas para o agravamento ou para a superação dos seus problemas”. Sendo o currículo, a base nuclear determinante do que é necessário se trabalhar para que a escola cumpra sua principal função, a concepção da escola sobre o currículo deve estar bem clara e definida, para não se perder em atividades diversas e destinar pouquíssimo tempo para o processo de transmissão/construção/assimilação do conhecimento.

Há de se ter claro que o currículo não é o conjunto de todas as atividades desenvolvidas na escola, mas sim, “o instrumento através do qual a escola vai preparar o indivíduo para o exercício da cidadania... Dentro dele há uma essencialidade que, se não for cumprida, descaracteriza a escola, comprometendo a função de preparação para a cidadania” (RODRIGUES, 1988, p. 68).

Sabemos que os aspectos externos e sociais influenciam e interferem na escola, porém não a determinam e sendo o homem capaz de modificar e transformar a natureza intencionalmente em prol de suas necessidades, não se pode ficar imóvel, inerte a aceitar a realidade como imutável. Vale lembrar que a escola é um espaço de contradição e de transformação que, com práticas escolares modernas e pró-ativas pode vir a ser um berço de transformação social.

Aos educadores comprometidos com a educação cabe enfrentar o desafio e supera as barreiras que encontram dentro do sistema educacional e de sua formação, assumindo um compromisso com a transformação social, com a melhoria do ensino e com a formação do aluno, principal objetivo da escola. Para que isso se faça, com efeito, é necessário, além de uma organização mais eficiente na escola, com a ampliação de recursos financeiros e materiais, que os educadores repensem a sua prática, para que a mesma possa acompanhar as transformações sociais, tecnológicas, a fim de propiciar aos educandos as condições básicas necessárias para viverem no mundo globalizado.

Para que o trabalho escolar possa ser reorganizado é necessário, além da transformação da prática docente, que os professores desenvolvam seu trabalho de forma coletiva e não isolada.

Com a divisão técnica do trabalho pedagógico teve início com a plena expansão do capitalismo, onde com a taylorização e, agora com a automação e a robótica, a tendência é a fragmentação do trabalho em todos os campos sociais. A escola passa, então, a ser ainda mais fragmentada com o surgimento dos especialistas, onde há uma divisão técnica do trabalho com pessoas designadas especialmente para um tarefa, a de planejar, para que outras pessoas executem esse trabalho. O objetivo almejado com a criação dos especialistas é “uma maior racionalidade e eficiência do processo de ensino-aprendizagem, mas o que se consegue é um esvaziamento do fazer pedagógico” (FRANCO, 1987, p.66).

Não se trata de combater as ações mais específicas e a formação dos especialistas, o que se discute é o isolamento destes e o trabalho fragmentado desenvolvido, o que contribui para o desgaste e para o resultado negativo perante a organização do trabalho pedagógico para com a instrumentalização dos alunos para compreenderem e agirem na sociedade. O que se pretende é a reapropriação do trabalho escolar e sua organização pelo coletivo dos educadores para a superação dos problemas existentes.

Além dos fatores acima citados e recuperar o real papel da escola necessita-se de uma política mais atuante, transparente, com ações planejadas à curto, médio e longo prazo. Pois as diferentes políticas educacionais têm se pautado exatamente por uma ausência de política concreta para superar os problemas básicos da escola pública brasileira. Segundo Rodrigues (in FRANCO, 1987, p. 68), o que se tem exatamente são “teias de idéias, projetos, pesquisas, métodos de ensino, que produziram, nos últimos anos, enorme anarquia nas atividades básicas do ensino. Os professores se tornaram profissionais mais ou menos confusos àquilo que realmente devem objetivar no processo de ensino”. O que se agrava ainda mais com a prática docente desconectada da realidade social, com os profissionais sem a formação necessária e adequada, com domínios teóricos, práticos dos conteúdos e de sua significação para os alunos e com o domínio de técnicas metodológicas, como os recursos tecnológicos e sua utilização para o alcance dos seus objetivos.

As idéias, concepções, métodos de ensino que estão definindo desordenadamente a prática educacional, acaba por desviar o trabalho pedagógico

do seu objetivo, a formação e a instrumentalização dos alunos para viverem e atuarem na sociedade. Desta forma o que se tem é a desvalorização do professor, da escola e dos saberes por ela transmitidos, porque os mesmos não cumprem a sua função social da forma como deveria.

Outro fator importante é quanto a questão do trabalho, pois as políticas educacionais não têm considerado aspectos importantes que podem auxiliar na superação dos problemas enfrentados pela escola.

Segundo FRANCO, a escola desconsidera os seguintes aspectos:

1- O que é o trabalho na nossa sociedade de tipo capitalista. Esse “esquecimento” tem feito com que o trabalho seja tratado de maneira abstrata, a-histórica; 2- a questão do trabalho não tem sido tratada a partir da especificidade da escola, do que lhe é próprio; 3- não tem sido levado em conta, ainda, que a questão do trabalho não pode ser tratada à revelia dos problemas enfrentados pela escola (1987, p.70).

O fato de as políticas educacionais não levarem em consideração estes aspectos faz com que os educadores e a escola se confundam ainda mais e difundam idéias vazias como a “escola prepara para o trabalho ou introdução do trabalho produtivo na escola”, representando um esforço inútil sem contribuição e obtenção de resultados positivos e a melhoria das escolas. Assim, as tentativas de unir ensino e produção na escola acaba por equivocar-se com respeito ao que seria realmente a preparação para o trabalho, e por contribuir para a deterioração dos conteúdos de ensino.

Para lidar com a questão do trabalho é preciso reconhecer que a escola é produto do trabalho do homem, e que a escola reproduz a diferença entre trabalho manual e intelectual, sendo um dos pólos intelectuais, sem estar desconectada da prática.

Segundo FRANCO:

a presença mais marcante do trabalho no interior da escola, todavia, se dá através da transmissão dos conhecimentos acumulados historicamente pelo homem e, principalmente, dos conhecimentos científicos e tecnológicos. De um lado, porque o ensino, o estudo e a transmissão dos saberes constituem formas de trabalho... De outro lado, os saberes transmitidos pela escola são históricos-sociais e, portanto, fruto das relações que os homens estabelecem entre si e com a natureza (1987, p.73).

Sendo os saberes construídos historicamente pelo trabalho da humanidade, os mesmos devem ser socializados a todos, sendo um instrumento de compreensão e transformação do mundo. Cabe a escola e aos educadores, discutir com os educandos o significado do trabalho na vida do homem. Assim a preparação para o trabalho passa a constituir o Currículo Escolar e não a ser apenas mais um chavão. Porém, devemos ressaltar a necessidade da preparação dos professores para que desempenhem esta função de forma a obter resultados positivos e não se confundir ainda mais.

Percebe-se que o trabalho está presente na escola, e que esta não pode ser vista desvinculada e independente do modo de vida e da produção de existência da sociedade porém, “a escola não pode ser uma agência formadora de mão-de-obra para os setores produtivos considerados prioritários. Seu objetivo central deve ser: formar o educando como homem e cidadão, e não apenas utiliza-lo para o exercício de funções produtivas nas empresas, para ser consumidor competente dos produtos disponíveis no mercado” (RODRIGUES in FRANCO, 1987, p.82). Vemos então que a escola está estreitamente ligada ao mercado de trabalho, mas não se encontra inteiramente subordinada às suas leis de funcionamento.

A escola não tem como papel formar e qualificar os alunos conforme as exigências do mercado de trabalho, sua preocupação deve ser quanto à promoção do homem e a formação do cidadão, através da transmissão dos conhecimentos que propiciem uma sólida formação científica e tecnológica, auxiliando o educando a compreender a natureza da sociedade e do trabalho, as quais possibilitarão ao aluno encontrar o seu emprego.

Perante estes fatores a escola “deve estar voltada para uma formação polivalente, para uma formação teórica sólida. Com isso, estaria dando a sua contribuição para que o futuro trabalhador tivesse acesso às novas contribuições da ciência e da técnica que, por sua vez, deverão ser revolucionadas pelo coletivo dos trabalhadores” (FRANCO, 1984, p. 86).

Cabe ressaltar que o atual mercado de trabalho, bem como a sociedade em geral, estão tomados pelas mais diversas tecnologias de serviço e de lazer, assim sendo estas são de vital interesse para todos, sendo que a utilização das tecnologias na prática docente, além de ser um aliado ao processo de ensino e de aprendizagem, traz aos alunos à conexão com a realidade atual da sociedade.

O processo de globalização e de progresso tecnológico, científico, social exige

uma nova postura da escola e dos educadores quanto a pensar em novas formas de educar, considerando a educação sistemática e assistemática, para poder contribuir de forma significativa para a formação de cidadãos críticos, reflexivos e atuantes na sociedade. Diante desta realidade, é imprescindível que os educadores trabalhem visando a instrumentalização dos alunos para que estes sejam capazes de lidar de modo crítico e criativo com a tecnologia no seu dia-a-dia. Cabe a escola fazer uso da própria tecnologia como meio facilitador do processo de ensino e de aprendizagem.

Tendo a tecnologia a capacidade de padronizar bens e serviços, a diferenciação quanto à sua utilização e finalidade, fica por conta do indivíduo que dela faz uso, construindo ou não uma relação criativa com estes recursos. Assim sendo “o importante não é a tecnologia em si mesma, mas a sua relação com o humano que vai descobrir possibilidades pedagógicas para cada meio, considerando com quem está lidando, seus objetivos de ensino o tipo de contexto a ser trabalhado” (LEITE, 2000, p.40).

E é sobre a utilização da tecnologia aliada à prática docente que discutiremos a seguir.

7 AS NOVAS TECNOLOGIAS EM SALA DE AULA

Criadas pelos homens para auxiliarem no seu dia-a-dia, as tecnologias estão presentes em nosso meio a todo o momento. Desde a invenção da lança ou da utilização do tacape, podemos dizer que a tecnologia vem para facilitar e otimizar o tempo e a produção do homem na sua sobrevivência, no seu lazer e conforto.

A tecnologia pode ser considerada como instrumento da extensão humana, proporcionando o trabalho, a produção. É um meio criado pelo homem para fazer ou facilitar o trabalho. Para algumas pessoas o conceito de tecnologia restringe-se ao que é novo, revolucionário e moderno em termos de informática e robótica. Esquecem-se, porém de que, a tecnologia é a criação e a utilização de ferramentas, mesmo que muito simples, para realizarem uma tarefa em prol do objetivo do homem, seja ele trabalho, lazer, saúde, bem estar, etc.

Há diversas visões sobre a tecnologia e sua utilização, podendo ser considerada por muitos como primordial para a vivência e atuação na sociedade, bem como por outros como algo totalmente indispensável. Assim sendo temos professores que concebem a tecnologia apenas como sendo os aparatos de última geração como computadores ultravelozes, câmeras digitais, internet a cabo.

Sobre os quais não sabem como funcionam, como lidar com eles no seu cotidiano, muito menos como utiliza-los na aprendizagem de seus alunos. Não que todos estes recursos não sejam importantes, porém há o esquecimento de que permeiam a nossa vida e a de nossos educandos recursos tecnológicos muito mais familiares que também poderiam ser utilizados em sala de aula de maneira a tornar a aprendizagem muito mais significativa e prazerosa.

É preciso ter claro que as novas formas de comunicação e informação veiculadas pelas tecnologias vêm causando grandes transformações nas práticas sociais e, também, nas práticas educativas.

Para que estas transformações repercutam positivamente no setor educativo, a escola terá que repensar o seu papel, levando em consideração as novas formas de relação social e os novos hábitos culturais informatizados e automatizados que circundam pela vida de todas as pessoas, sobretudo dos educandos.

A necessidade de uma nova prática em sala de aula, mais dinâmica e integrada a este mundo interativo em que vivemos é vital para que a escola consiga desempenhar o seu papel.

A mudança deve se estender a todos os segmentos da estrutura organizacional da escola devendo iniciar pelos educadores, os quais necessitam “habilitar-se para trabalharem como comunicadores, lançando mão de meios e linguagens que os conectem ao mundo dos seus alunos” (MONTEIRO e FELDMAN, 1999, p.38), para tanto a construção de conhecimentos através da utilização de novos meios e linguagens tecnológicas é indispensável.

A escola e os educadores devem garantir o acesso a informação e ao conhecimento da realidade em que vivemos. Para alcançarmos tal objetivo, o trabalho educativo deve ser planejado no sentido de possibilitar ao educando o acesso às informações necessárias para que possa compreender e agir na sociedade de hoje.

Sem um planejamento consciente, baseado na perspectiva comunicacional e dialógica, a utilização das novas linguagens tecnológicas se resumirá a um “neotecnicismo” (MONTEIRO e FELDMAN, 1999, p.38), servindo apenas aos interesses do mercado e não a instrumentalização do educando, podendo vir a resumir-se em novas formas de realizar as mesmas práticas.

Segundo MONTEIRO e FELDMAN (1999, p.39) “educar na era da informação é educar para os meios e as linguagens de nosso tempo, e é prioritário ensinar estratégias e habilidades comunicativas, compartilhando instrumentos de navegação autônoma para viagens seguras pelos vastos oceanos de informações e mensagens”. É preciso ressaltar que para trabalhar desta forma é necessário, primeiramente, que as escolas e educadores estejam muito bem preparados para intervir junto a seus educandos de maneira criativa e competente.

Para tanto a escola e seus educadores devem compreender claramente que a construção de conhecimentos implica em construir relações de significação; que a escola constitui em uma ampla e complexa rede de relações interpessoais – comunicativas, as quais se tornam educativas através da intervenção pedagógica; e que a maior parte do trabalho da escola tem como fundamento e objetivo o desenvolvimento da capacidade de comunicação do indivíduo. Entenda-se comunicação, não apenas o fato de conversar com, mas de saber ouvir, interpretar, analisar, discutir, avaliar para agir e transformar.

Pode-se afirmar que um dos fatores que contribuem para as dificuldades enfrentadas hoje no processo de ensino e de aprendizagem é quanto à utilização de metodologias que não contemplam as novas subjetividades, as novas linguagens

simbólicas da contemporaneidade. É preciso superar a forma como se trabalha em sala de aula, passando a incorporar os recursos tecnológicos e suas linguagens implícitas de forma a conquistar, a seduzir os alunos; é necessário, pois, uma reorganização da escola, o que demanda maior investimento em recursos tecnológicos e na capacitação dos profissionais para utiliza-los adequadamente, por parte do órgão mantenedor, seja ele Estado, Município ou mesmo não governamental.

A formação do educador é um ponto fundamental a ser trabalhado, contemplando o conhecimento sobre os recursos tecnológicos e sua aplicação na prática docente. A realidade da maioria dos professores mostra que a formação que tiveram não foi embasada em recursos tecnológicos sofisticados, mesmo porque os recursos disponíveis são extremamente atuais, sendo que muitos destes recursos ainda não existiam ou eram muito caros.

Por conta destes fatores, poucos foram os profissionais que tiveram contato com outros recursos além do giz, quadro negro, apagador, livro didático e muito raramente com o retroprojeto, para casos especiais (cursos e palestras) ou rádio (para ensaiar os alunos para apresentações em datas comemorativas).

Assim sendo, há uma grande parte dos professores que não possui intimidade com o aparelho de tevê, vídeo e outros recursos tecnológicos em sala de aula, por desconhecer seu funcionamento e o auxílio que podem proporcionar na aprendizagem e, por não saberem, como funcionam ou terem medo de “utiliza-los”.

Muitas vezes utilizam esses recursos de forma estanque, apenas para passar o tempo, ou apenas para promover um momento de distração para os alunos e de descanso para si mesmos.

Para superar este problema é necessário que a formação do educador contemple a compreensão sobre os recursos tecnológicos de forma didática, fazendo-o conhecer, saber como funciona e, principalmente, como utilizar estes recursos de modo a auxiliar na construção do conhecimento dos educandos, de forma crítica e positiva, porém com cuidado para jamais se tornar passiva e de caráter mercadológico.

É preciso, então se construir uma Pedagogia dos Meios, onde se possa planejar, estudar e compreender como utilizar os recursos proporcionados pela televisão, pelo vídeo, pela rádio, pelo gravador etc. e suas respectivas linguagens.

As escolas e secretarias de educação também devem se incumbir de

desenvolver no professor a incorporação teoricamente fundamentada, motivando-o a lançar mão de tais recursos em sala de aula e estimular a sua formação permanente através da capacitação em serviço, dando ênfase ao aspecto metodológico com a utilização das novas linguagens tecnológicas.

Vale lembrar que o professor deve ser o principal interessado em querer transformar sua prática, devendo sentir-se co-responsável pela sua atualização e formação permanente. Assim sendo de nada adianta as escolas e/ou rede de ensino investir em recursos modernos e cursos de capacitação se o professor não tiver à predisposição para a mudança.

A mudança de postura do professor é inevitável e imprescindível, pois com as transformações existe a tendência de mudança na relação professor-aluno, onde haverá mais dinamismo e processo de troca na construção do conhecimento. Em algumas situações são os alunos, com suas intervenções, vivências e questionamentos, que desafiam e “convocam” os professores à mudança. Para poder contribuir com a aprendizagem dos alunos o professor deve estar preparado para desenvolver o seu papel, conhecendo e compreendendo a gama de relações que fazem parte do contexto cotidiano de seus alunos.

Professores com idéias, práticas ultrapassadas e conceitos cristalizados terão profundas dificuldades de desenvolverem com competência seu trabalho, muito menos instrumentalizar seus educandos para inserirem-se no mundo do trabalho.

Certamente, esses professores darão “lugar a um educador que atua mediando o acesso de seus alunos ao conhecimento através de diferentes meios e estratégias de pesquisa, mais preocupado em contribuir na construção de sua autonomia de navegação em um contexto multilingual, multicultural e multimidiático” (MONTEIRO e FELDMAN, 1999, p.40).

Vê-se a necessidade de profissionais da educação que sejam dinâmicos, inovadores, especialistas em projetos educativos e em estratégias metodológicas, capazes de reconhecer possibilidades e limitações que os recursos tecnológicos e didáticos oferecem, bem como compreender a importância da comunicação como processo de construção de conhecimentos, valores e cidadania.

O processo de ensino e de aprendizagem é mediado por diversos fatores, ferramentas e meios de comunicação que perpassam pela fala (voz), livros didáticos, quadro-de-giz, vídeo, rádio, televisão, computadores, ambiente físico e as relações interpessoais, havendo uma verdadeira troca – recepção e emissão- de mensagens

e símbolos, com as quais se constroem significados e se possibilitam ressignificações.

O que há ainda hoje, em algumas escolas, é a predominância de ambientes estagnados, nada motivadores que sugerem uma relação comunicacional unilateral, onde o professor é o único a falar e a ensinar. Esta realidade escolar entra em conflito com a realidade vivida pelos educandos, os quais estão imersos em relações que lhes chamam a interagir durante todo o tempo, como rádio, tevê, vídeo game, etc. Desta forma a escola torna-se cada vez mais desinteressante e desestimulante para o educando.

Para romper com esta situação é necessário que se desenvolvam projetos educativos que concebam a escola como um mundo de relações complexas, permeada pela comunicação e cheia de conexões internas e externas, fazendo da escola um lugar mais interativo, onde professor e aluno tenham o poder da palavra, onde a pesquisa e a exploração dos processos comunicativos sejam uma constante no processo educativo.

Hoje, é importante considerar a importância da imagem no processo educativo e comunicacional. A imagem traz à tona, além do seu poder comunicativo, a gama de relações e simbologias lingüísticas, bem como a expressão cultural, emergindo conceitos e significados. Porém há de se ter um cuidado especial quanto à sua utilização.

Os professores precisam estar preparados para desenvolver em seus alunos uma relação crítica com este universo tecnológico, audiovisual, a fim de não se tornarem consumidores passivos de bens e idéias, mas cidadãos capazes de dialogar com autonomia, lendo e interpretando o que vêem de forma crítica e construtiva.

A imagem possibilita a mudança, traz possibilidades de inovação quanto à concepção de conhecimentos e na metodologia a ser utilizada, proporcionando aprendizagens significativas mais atraentes, mais "reais", ao que se quer compreender e ensinar. Através da utilização de imagens, pode-se tocar o outro, sensibiliza-lo, mobiliza-lo pelos sentidos. Há uma emersão de sentimentos, desejos, que vêm à tona da vivência, pela lembrança e pela conexão de fatores já vividos.

A imagem cativa e provoca possibilitando a pré-disposição e a receptividade, que, dependendo de como for trabalhada, pode ser um bem ou um mal, tornando o aluno um ser autônomo ou passivo. Daí a importância do professor em utilizar tais

recursos de maneira a enriquecer o processo educativo, contribuindo para a formação do cidadão.

O professor deve estar atento e saber o que acontece no cotidiano multimidiático e utiliza-lo de forma a alcançar os seus objetivos de trabalho, pois na abordagem educacional as linguagens e tecnologias são instrumentos que possibilitam a construção do conhecimento, do pensamento e da visão da realidade, sendo mais que necessárias, sendo direito de cidadãos que vivem na era do conhecimento, da informação e da informatização.

A utilização das novas tecnologias em sala de aula ainda deve ser mais bem compreendida e explorada pelos professores. Fazendo parte do progresso social, as tecnologias tornam-se meios pelos quais o homem potencializa suas capacidades.

Ao professor cabe motivar situações de aprendizagem, canalizando e/ou organizando experiências, sabendo distinguir e trabalhar as informações fundamentais, utilizando a comunicação gráfica, verbal, visual, sonora e audiovisual, adequando cada conteúdo a uma dessas formas de expressão explorando ao máximo sua capacidade para construção do conhecimento.

É necessário que o professor reconheça que a prática educativa supõe processo comunicacional e é intencional, visando alcançar objetivos de formação humana, sendo então que a docência pode ser caracterizada “como relação comunicacional intencional no sentido de intercâmbio de significados entre o professor ou formador e os alunos, e dos alunos entre si, com intenção formativa” (LIBÂNEO, 1998, p.54).

Ao professor cabe fazer uma leitura dos meios de comunicação verificando a intencionalidade dos processos comunicativos presentes nas novas tecnologias e intervir metodológica e organizativamente de forma a administrá-la segundo os objetivos educacionais.

Há historicamente uma resistência existente nas escolas, por uma parcela de professores que julgam as tecnologias como sendo instrumentos da globalização e da lógica do mercado. Tal resistência e concepção acabam por contribuir para a exclusão cada vez maior dos alunos, pois resulta no impedimento das oportunidades de contato, conhecimento e manipulação dos recursos tecnológicos, privando-lhes do que seriam seus direitos.

Uma vez levantada esta questão o mais sensato seria utilizar os recursos tecnológicos e comunicacionais da melhor forma possível, como um aliado ao

processo e ao desenvolvimento do educando, pois tendo a educação como processo formativo o desenvolvimento do aluno nas dimensões afetivas, física e cognitiva, o mesmo necessita de todos os instrumentos possíveis para aprender a construir sua autonomia intelectual.

Para não correr o risco e ter como resultado a negligência perante os recursos tecnológicos a escola e seus educadores terão que se conectar com eles e reestruturarem seus planos e programas elaborando projetos pedagógicos a fim de que possibilitem que a escola se torne o “lugar onde os alunos aprendem a razão crítica para poderem atribuir significados às mensagens e informações recebidas das mídias, multimídias e formas de intervenção educativa urbana”. (LIBÂNEO, 1998, p.65). Desta forma possibilitando aos educandos os meios necessários para buscar, analisar e significar as informações que lhes são relevantes.

Cabe ressaltar que as novas tecnologias são de valor inestimável para contribuir na formação do educando, mas que por si só, sem a intervenção do professor, e de forma adequada, não trazem efeitos cognitivos. É necessário, pois, que o profissional da educação tenha na sua formação os fundamentos teóricos e metodológicos que garantam a compreensão e utilização dos recursos proporcionados pelas novas tecnologias e suas linguagens específicas, sobretudo, que compreenda as necessidades de seus educandos, indo além da utilização dos recursos tecnológicos e comunicacionais como um fim em si mesmo, mas para desenvolver seus aspectos sociais, afetivos, físicos e cognitivos, ou seja, a formação do cidadão na sua totalidade.

A mediação do educador, com a utilização dos recursos tecnológicos, “atua no sentido de prover condições e modos de assegurar a relação cognitiva e interativa dos alunos com os objetos de conhecimento” (LIBÂNEO, 1998, p.69).

Assim sendo as mídias, os recursos tecnológicos e audiovisuais devem ser entendidos como conteúdos escolares, integradas às disciplinas curriculares, como competências e atitudes profissionais e como meios de comunicação humana com a finalidade didática.

Diante de todos estes aspectos os educadores escolares precisam “aprender a pensar e a praticar comunicações midiáticas como requisito para a formação da cidadania... É preciso que aprendam a elaborar e intervir no processo comunicacional” (LIBÂNEO, 1998, p. 71).

Ao pensar sobre as mídias e utilizá-las é necessário que o educador

desenvolva uma leitura crítica e uma postura ativa perante a mídia, ensinando os alunos a dominarem as linguagens midiáticas e não serem dominados e manipulados por elas.

Daí a necessidade de uma formação mais completa e a garantia de espaços, cursos e estudos para discussão sobre as mídias e sua utilização adequada aos objetivos da escola.

Assim como as demais organizações, perante as transformações, a escola está sendo “convocada” e pressionada a passar por mudanças. A escola tem um papel fundamental e de grande responsabilidade que é a instrumentalização do educando para compreender e agir na sociedade de forma crítica e ativa. Percebe-se que “a educação é o caminho fundamental para transformar a sociedade” (MORAN, 2000, p. 4) o que acaba por chamar a atenção e investimentos de grandes grupos econômicos interessados em explorar esta área e conseguir retorno lucrativo cada vez mais significativo.

Há sobre as novas tecnologias a expectativa, por parte de algumas pessoas, de que serão ou trarão soluções rápidas para a educação. Com certeza as novas tecnologias trazem a inovação quanto ao conceito de aula, de espaço e tempo e de comunicação e aprendizagem.

Mas elas por si sós não resolvem a problemática da escola, são importantes, auxiliam, mas não resolvem, pois o processo de ensinar e de aprender são os maiores desafios da escola em todas as épocas e, principalmente, nos momentos de transição e transformação da sociedade.

Ainda não se alcançou, e há muito a se fazer para alcançar, a tão almejada, necessária e de direito do cidadão, a educação de qualidade, a qual integre todas as dimensões do ser humano em seus aspectos sensorial, intelectual, emocional, ético e tecnológico.

Será um trabalho árduo e bastante demorado que paulatinamente deverá quebrar as barreiras que temos em nossa organização educacional, pois predomina hoje um ensino caracterizado por um número excessivo de alunos por turma, professores mal remunerados, mal preparados e desmotivados. Alunos sem motivação que valorizam o diploma e não a aprendizagem, e, uma infra-estrutura inadequada, com salas barulhentas, material escolar ultrapassado e difícil acesso às tecnologias.

A construção do conhecimento na atual sociedade não se dá de forma

fragmentada, mas é interdependente, possibilitando compreender todas as dimensões da realidade de forma ampla e integral, sendo difundidas cada vez mais as formas de linguagem multimidiáticas.

Desta forma é necessário que o educador saiba orientar seus alunos, a través de uma pedagogia da comunicação, ensinando através das novas formas de produzir e transmitir o conhecimento, mediatizando pelas novas tecnologias.

Segundo MORAN (2000, p.4) o papel do professor é fundamentalmente o de orientador/mediador intelectual, auxiliando na construção do conhecimento; emocional, motivando e estimulando o educando; gerencial, promovendo a integração e o equilíbrio do processo de ensino e de aprendizagem; e ético, ensinando a assumir e vivenciar valores.

Para tanto o educador deverá ter como norte alguns princípios metodológicos:

- Integrar as várias linguagens tecnológicas no contexto da aula;
- Variar as técnicas de ação docente, a dinâmica de relações e situações de aprendizagem;
- Adaptar-se ao novo, planejando, improvisando, prevendo e ajustando-se às circunstâncias;
- Valorizar o que há de melhor na utilização das tecnologias e da comunicação.

É importante que o professor consiga integrar todas as tecnologias, tentando ao máximo aprender e explorar todas as possibilidades de cada meio. Desta forma o professor terá um grande rol de opções metodológicas que poderá utilizar da maneira mais adequada. É importante, também, que amplie e aprenda a dominar as formas de comunicação interpessoal/grupal e audiovisual/telemática.

Em pesquisa de campo através de questionário realizada com oito professores de 1ª à 4ª série do ensino fundamental, pertencentes ao quadro de funcionários da Rede Municipal de Educação do Município de Pinhais, Região Metropolitana de Curitiba, das Escolas Municipais Frei Egídio Carlotto e Antonio Alceu Zielonka, podemos constatar como alguns destes profissionais entendem e utilizam as tecnologias em sua prática docente.

Quanto a entender o que são as Novas Tecnologias aplicadas à prática escolar, na sua totalidade as professoras responderam que se trata da utilização do vídeo, retroprojetor, slides, rádio, televisão e computador em sala de aula, sendo que

dentre estas, uma professora salientou que estes aparatos não são tão novos, mas que agora estão mais popularizados, porém a escola ainda não conseguiu se utilizar destes recursos para propiciar a transmissão de informações e construção do conhecimento.

Das professoras que responderam o questionário, 60% afirmam que utilizam aparatos tecnológicos em suas aulas, sendo por estes citados o rádio, a tevê e o vídeo cassete e 40% utilizam poucas vezes e quando consideram possíveis de serem trabalhados, devido a falta de conhecimento efetivo, por parte do professor.

Sobre a reação dos educandos quando as novas possibilidades tecnológicas são incorporadas às aulas, 60% consideram que os alunos demonstram mais interesse, prestam mais atenção e conseqüentemente apresentam um aproveitamento maior das aulas; 20% consideram que os alunos ficam eufóricos e agitados, porém a aula também fica mais produtiva e 20% afirmam que alguns de seus alunos gostam e outros não da utilização das tecnologias em sala de aula.

Como objetivos e situações em que se utilizam os recursos tecnológicos foram apontados os seguintes fatores: quando se quer chamar a tenção dos alunos para determinados conteúdos, 10%; para introduzir um novo conteúdo ou assunto, 40%; para fixar ou reforçar uma idéia ou conteúdo, 40%; para desenvolver os temas trabalhados, 10%.

Foram citados como pontos considerados positivos na utilização das tecnologias: novas formas de visão e ampliação do conhecimento, facilidade em desenvolver a aula, construção do conhecimento em rede, fuga das aulas expositivas. Como negativos: falta de espaço, número excessivo de alunos por turma, falta de preparo do professor, dificuldade para planejamento junto aos conteúdos, utilização de recursos como “passatempo” por alguns professores.

Quanto às dificuldades encontradas pelos professores na utilização dos recursos tecnológicos em sala de aula foram citadas: dificuldade em transportar os aparelhos até a sala de aula, considerando a perda de tempo e o incômodo, ausência de uma sala específica para estes recursos, desmotivação em utiliza-los, espaço físico inadequado, medo de danificar os equipamentos, falta de preparação para o manuseio e utilização das mesmas por parte dos professores.

Segundo as professoras questionadas, os profissionais que não utilizam as novas tecnologias em sala de aula, possuem essa resistência à: falta de vontade de querer mudar, medo do novo, por não saber manusear os equipamentos, falta de

responsabilidade e de interesse dos próprios professores para inovar, falta de aperfeiçoamento para lidar com a tecnologia, a desmotivação por parte dos alunos, falta de preparo do professor, falta de espaço adequado e mesmo a falta de aparelhos.

Quanto à discussão com os colegas sobre a utilização de recursos tecnológicos em sala de aula, 60% afirmam que fazem a discussão com seus colegas regularmente, nos horários de permanência, nas trocas de idéias informais; 20% dizem que discutem em apenas algumas situações, em estudos preparados pela Supervisora e quando sentem necessidade e 20% só o fazem com a Supervisora Pedagógica e não com seus colegas, tendo em vista que no seu horário estudo permanecem sozinhos.

Sobre o Projeto Político Pedagógico da escola em que trabalham contemplar a incorporação das novas tecnologias em sala de aula, 80% afirmam que a Proposta traz claramente a utilização e fundamenta a sua importância e necessidade, 20% afirma desconhecer o documento.

Segundo as professoras que responderam ao questionário as estratégias político e pedagógicas para a incorporação das novas tecnologias em sala de aula são: cursos de preparo em serviço com sugestões metodológicas aplicáveis, cursos de aperfeiçoamento e de informática, permanência de computadores exclusivos para o trabalho dos professores, tanto para planejamento quanto para a utilização em sala com os alunos e melhor preparação e formação dos professores.

Cabe ressaltar que não há uma receita infalível para a transformação da educação e a incorporação das novas tecnologias em sala de aula, há sim a predisposição do professor em encontrar a melhor maneira de ajudar seus alunos a aprender mais e melhor e a necessidade de apoio e de capacitação por parte da Secretaria de Educação para que o professor esteja seguro e preparado para lidar com essa nova realidade.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se com as discussões em todo o trabalho que o maior ponto de intervenção para a transformação dentro da escola para melhoria do processo de ensino e de aprendizagem diz respeito à preparação e formação dos professores e a mudança necessária e urgente na sua prática metodológica.

Segundo KERKHOVE em KENSKI (1998, p.68) “a solução real está em mudarmos as nossas percepções e não apenas as nossas teorias”. O que significa que o educador deve estar compreendendo e atuando em uma nova lógica, onde há a exploração de novos tipos de raciocínio, à ênfase as variadas possibilidades de encaminhamento das reflexões e estímulo a relação entre disciplinas (interdisciplinaridade).

O professor deve posicionar-se como um parceiro, que orienta e caminha junto com os alunos diante das mais variadas possibilidades de acessar o conhecimento e de relacionar-se com ele. Com esta visão mais consolidada a utilização das novas tecnologias vem contribuir para um ensino mais adequado à realidade dos alunos, mais integrado à sociedade e as mudanças por ela vivida.

Cabe ressaltar quais os objetivos pedagógicos a serem alcançados com a utilização das novas tecnologias e dos meios de comunicação em sala de aula, os quais podem ser resumidos em:

- Utilizar recursos de forma a contribuir para a democratização e acesso aos saberes socialmente significativos e o desenvolvimento das capacidades cognitivas, sociais e afetivas, com o objetivo de formar cidadãos capazes de se comunicar, analisar, compreender, criticar e agir na busca de resolução de problemas;
- Oportunizar o conhecimento sobre mídias e multimídias e a interação com estes a fim de reconhecer e poder agir perante a produção social da comunicação humana e o mundo tecnológico;
- Preparar de forma tecnológica e comunicacional os educandos para poderem desenvolver competências, habilidades e atitudes para que consigam compreender e agir num mundo, onde a informação, o conhecimento se tornam- matérias-primas fundamentais para o exercício da cidadania;
- Construir uma relação dialógica mais próxima entre professor e aluno e,

destes, com os saberes significativos da cultura e da ciência;

- Oportunizar a compreensão e aquisição dos conhecimentos, utilizando-se das possibilidades imagéticas presentes nos meios de comunicação.

Com a discussão destes objetivos percebe-se a importância que a atualização nos métodos de ensino, sobretudo, na metodologia aplicada pelo professor em sua prática docente tem sobre o processo de ensino e de aprendizagem, e do resultado por ele obtido perante o sucesso de seus alunos na apreensão dos conteúdos.

A análise do contexto escolar, através de questionário aplicado, mostra que há professoras que já tem em seu discurso a teoria de que a utilização de novas tecnologias em suas aulas pode vir a trazer benefícios no processo de ensino e de aprendizagem quando bem utilizado, porém, em alguns casos, fica-se na teoria não se aplicando à prática, muitas vezes por não se saber como utiliza-las, ou mesmo por ter poucos equipamentos. Tal constatação aponta para a necessidade de capacitação de tais profissionais e para a aquisição de aparatos tecnológicos.

Cabe, portanto, aos profissionais, estarem sempre abertos as novas concepções de ensino e buscar novos métodos e diferentes formas de encaminhamento em suas aulas.

Prioritariamente cabe a Secretária de Educação, como órgão dirigente, proporcionar aos profissionais os materiais necessários, equipamentos de qualidade e em quantidade suficiente, e a capacitação necessária para que os professores possam manusear tais equipamentos. Tal capacitação além de técnica, mostrando como é e como funciona o equipamento, deve também ser metodológica, para que o professor possa colocar em prática.

Com o estudo metodológico a prática será mais efetiva e fará parte do processo educacional, não caindo apenas em um “cano de escape” e de lazer. Ou seja, a utilização das tecnologias terá um objetivo pedagógico dentro dos conteúdos e/ ou projetos trabalhados diante do Currículo e não apenas uma novidade alheia ao contexto escolar.

REFERÊNCIAS

FRANCO, L. A. de Carvalho. **A escola do trabalho e o trabalho da escola**. São Paulo: Cortez, 1987.

GHIRALDELLI JR, P. et al. **Infância, Educação e Neoliberalismo**. São Paulo: Cortez, 1996.

IANNI, Octavio. **A Sociedade global**. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

KENSKI, Vani Moreira. **Novas tecnologias**: o redimensionamento do espaço e do tempo e os impactos no trabalho docente. Revista Brasileira de Educação. Anped. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, São Paulo, nº 08 Mai/Jun /Jul/Ago, 1998.

LEITE, Ligia Silva, POCHO et al. **Tecnologia educacional**: mitos e possibilidades na sociedade tecnológica. Revista Tecnologia Educacional. v. 29 (148) jan/fev/mar – 2000, p. 38-43.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?** Novas exigências educacionais e profissão docente. Coleção Questões da Nossa Época. São Paulo: Cortez, 1998.

MARRACH, Sônia Alen. **Educação e Neoliberalismo**. São Paulo: Cortez, 1996.

MONTEIRO, Eduardo e FELDMAN, Márcia. **Mídia-educação na era e cidadania da informação**. Revista Pedagógica, Porto Alegre: Pátio, ano 3, n 9, mai/jul, 1999.

MORAN, José Manuel et al. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papyrus, 2000.

PIMENTA, Selma Garrido. **A Organização do trabalho na escola**. Revista Ande nº 11 (6), 1986.

RAMAL, Andréa Cecília. **Contemporaneidade, novas tecnologias e formação do professor a partir de três abordagens que se complementam.** Revista Tecnológica Educacional, v. 29 (148), Jan/fev/mar, 2000.

RODRIGUES, Neidson. **Lições do príncipe e outras lições.** O intelectual, a política, a educação. Coleção Polêmicas do Nosso Tempo. São Paulo: Cortez, 1991.

_____. **Da mistificação da escola à escola necessária.**, Coleção Polêmicas do Nosso Tempo. São Paulo: Cortez, 1988.

SAVIANI, Dermeval. **Educação e questões da atualidade.** Livros do Tatu. Coleção Hoje e Amanhã. São Paulo: Cortez., 1991.

ANEXOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO DE TEORIA E PRÁTICA DE ENSINO
ESPECIALIZAÇÃO EM METODOLOGIA DE ENSINO DAS SÉRIES INICIAIS

CARLISE VEIGA

A Utilização das Novas Tecnologias Aplicadas à Prática Escolar

Questionário/Entrevistas

Nome: *Noeli Mesquita*..... Série em que atua: *4^o*.....

Escola: *Igreja Egidio Carlotto*..... Município: *Pinhais*.....

1. O que você entende por Novas Tecnologias aplicadas à Prática Escolar?

Os avanços dos aparatos tecnológicos não são tão novos, o que está expresso atualmente é a sua popularização. A escola é que não conseguiu ainda se utilizar dela para propiciar transmissão de informações e construção de conhecimentos.

2. Você utiliza algum recurso tecnológico em suas aulas? Sim. Não. Por quê?

Utilizo muito pouco. Acredito que seja pela falta de estrutura e conhecimento efetivo para o seu uso.

3. Qual é a reação e o aproveitamento de seus alunos quando você incorpora essas novas possibilidades tecnológicas em suas aulas?

As aulas se tornam mais agradáveis e o aproveitamento pelos alunos se torna mais significativo.

4. Em que situações você costuma utilizar esses recursos tecnológicos? E com quais objetivos?

Utilizo o áudio-vídeo, geralmente para lançar uma nova ideia e ou para fixar algum conteúdo.

5. Quais são em sua opinião os pontos que considera positivos e quais os pontos que você considera negativos no uso dos recursos tecnológicos?

Muitos são os pontos positivos, principalmente nos tempos da tecnologia da informação, onde tudo se constrói em rede. De negativo pode-se dizer que os personagens precisam estar bem preparados para não cair em redes perigosas, principalmente em se tratando do uso de comunicação de massa e da internet.

6. Quais seriam as dificuldades que você encontra na utilização desses novos recursos tecnológicos em sua sala de aula?

A maior dificuldade é levá-lo até a sala de aula, e a outra a falta de preparação para o uso das mesmas.

7. Por que você acha que os professores não utilizam as Novas Tecnologias, quais são os fatores que geram resistência à utilização das novas tecnologias em sala de aula? Quais seriam os motivos em sua opinião?

A resistência maior, está na dificuldade que o professor tem de lidar com a tecnologia já que o mesmo não tem oportunidade de se aperfeiçoar para então utilizar.

8. Você e seus colegas discutem a utilização das novas tecnologias os seus planejamentos de ensino? Sim. Não. Por quê?

Sim, porém com os pés no chão. Sempre pensamos no que queremos e ~~o~~ o que de fato poderemos por em prática.

9. O Projeto Político Pedagógico em sua escola contempla a incorporação das novas tecnologias em sala de aula?

Sim, porém ainda não conseguimos a estrutura necessária para por em prática.

10. Quais seriam as estratégias político e pedagógicas para superar a resistência, se houver, à incorporação das novas tecnologias para o trabalho de sala de aula?

A estratégia com certeza é no sentido de treinar os professores para o uso da tecnologia. Professor bem preparado não fará resistência ao uso de toda a tecnologia tão necessária na prática da sala de aula.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO DE TEORIA E PRÁTICA DE ENSINO
ESPECIALIZAÇÃO EM METODOLOGIA DE ENSINO DAS SÉRIES INICIAIS

CARLISE VEIGA

A Utilização das Novas Tecnologias Aplicadas à Prática Escolar

Questionário/Entrevistas

Nome: *Maria Lúcia E. Barbosa* Série em que atua: *3^o*

Escola: *Mun. Frei Egidio Carlotto* Município: *Pinhal*

1. O que você entende por Novas Tecnologias aplicadas à Prática Escolar?
Novas Tecnologias pode ser tudo o que há de novo, como: vídeos, computadores, etc.

2. Você utiliza algum recurso tecnológico em suas aulas? Sim. Não. Por quê?
Sim creio que vídeos, TV, computadores são tecnologias. Utilizo quando é possível.

3. Qual é a reação e o aproveitamento de seus alunos quando você incorpora essas novas possibilidades tecnológicas em suas aulas?

Quando damos um assunto ou melhor conteúdo e partimos por ex: de um filme em vídeo, eles entendem melhor o assunto e tem sua atenção mais voltada para o assunto.

4. Em que situações você costuma utilizar esses recursos tecnológicos? E com quais objetivos?

Quando é possível, seja por falta de espaço ou por tempo de planejamento, utilizo e com o objetivo de introduzir um novo conteúdo ou assunto.

5. Quais são em sua opinião os pontos que considera positivos e quais os pontos que você considera negativos no uso dos recursos tecnológicos?

Os pontos positivos são fugir das aulas expositivas que não prendem a atenção dos alunos e porque todos os recursos que tem em mãos tem que utilizar. Os pontos negativos são: falta de espaço, número muito grande de alunos numa mesma turma, falta de preparo de minho

6. Quais seriam as dificuldades que você encontra na utilização desses novos recursos tecnológicos em sua sala de aula?

Ter que levar o aparelho para sala de aula o que incomoda e ainda falta tempo. Outra dificuldade é a falta de uma sala na escola com estes recursos.

7. Por que você acha que os professores não utilizam as Novas Tecnologias, quais são os fatores que geram resistência à utilização das novas tecnologias em sala de aula? Quais seriam os motivos em sua opinião?

Falta de preparo do professor; falta de espaço adequado e mesmo a falta de aparelhos.

8. Você e seus colegas discutem a utilização das novas tecnologias os seus planejamentos de ensino? Sim. Não. Por quê?

Não, pois eu preparo ou planejo as minhas aulas sozinho ou só com a ajuda da supervisora. E também porque não tenho nada muito claro que possa tirar essas dúvidas.

9. O Projeto Político Pedagógico em sua escola contempla a incorporação das novas tecnologias em sala de aula?

Descobri o documento "Projeto Político Pedagógico" de minha escola. Mas conheço as idéias de minha supervisora e sei que ela está preparada e suas idéias contemplam novas tecnologias na sala de aula.

10. Quais seriam as estratégias político e pedagógicas para superar a resistência, se houver, à incorporação das novas tecnologias para o trabalho de sala de aula?

Curso de preparo em serviço que nos dê sugestões metodológicas de como incorporar as novas tecnologias em nosso trabalho na sala de aula.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO DE TEORIA E PRÁTICA DE ENSINO
ESPECIALIZAÇÃO EM METODOLOGIA DE ENSINO DAS SÉRIES INICIAIS**

CARLISE VEIGA

A Utilização das Novas Tecnologias Aplicadas à Prática Escolar

Questionário/Entrevistas

Nome:..... Série em que atua:.....

Escola:..... Município:.....

1. O que você entende por Novas Tecnologias aplicadas à Prática Escolar?

As novas tecnologias aplicadas à prática escolar são aquelas que utilizam recursos tecnológicos para facilitar o processo de ensino e aprendizagem.

2. Você utiliza algum recurso tecnológico em suas aulas? Sim. Não. Por quê?

Sim.

3. Qual é a reação e o aproveitamento de seus alunos quando você incorpora essas novas possibilidades tecnológicas em suas aulas?

Os alunos ficam mais interessados e participativos.

4. Em que situações você costuma utilizar esses recursos tecnológicos? E com quais objetivos?

Em aulas de informática e em aulas de matemática.

5. Quais são em sua opinião os pontos que considera positivos e quais os pontos que você considera negativos no uso dos recursos tecnológicos?

Os pontos positivos são a facilidade de acesso à informação e a possibilidade de personalizar o ensino. Os pontos negativos são a falta de infraestrutura e a necessidade de capacitação dos professores.

6. Quais seriam as dificuldades que você encontra na utilização desses novos recursos tecnológicos em sua sala de aula?

7. Por que você acha que os professores não utilizam as Novas Tecnologias, quais são os fatores que geram resistência à utilização das novas tecnologias em sala de aula? Quais seriam os motivos em sua opinião?

8. Você e seus colegas discutem a utilização das novas tecnologias os seus planejamentos de ensino? Sim. Não. Por quê?

9. O Projeto Político Pedagógico em sua escola contempla a incorporação das novas tecnologias em sala de aula?

10. Quais seriam as estratégias político e pedagógicas para superar a resistência, se houver, à incorporação das novas tecnologias para o trabalho de sala de aula?

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO DE TEORIA E PRÁTICA DE ENSINO
ESPECIALIZAÇÃO EM METODOLOGIA DE ENSINO DAS SÉRIES INICIAIS

CARLISE VEIGA

A Utilização das Novas Tecnologias Aplicadas à Prática Escolar

Questionário/Entrevistas

Nome: Rosana Zanella Boeira Série em que atua: 1ª

Escola: Escola Municipal Frei Cícido Município: Pinhais
Carlotto

1. O que você entende por Novas Tecnologias aplicadas à Prática Escolar?

Toda a forma tecnológica utilizada em sala, como: vídeo, computador, aparelhos de rádio, televisão entre outros.

2. Você utiliza algum recurso tecnológico em suas aulas? Sim. Não. Por quê?

Sim. Utilizo televisão, rádio, retro-projetor, pois acredito que devemos aproveitar estes recursos.

3. Qual é a reação e o aproveitamento de seus alunos quando você incorpora essas novas possibilidades tecnológicas em suas aulas?

São as melhores possíveis, prende a atenção do aluno e o aproveitamento é muito maior.

4. Em que situações você costuma utilizar esses recursos tecnológicos? E com quais objetivos?

Quando quero chamar atenção para tal conteúdo.

5. Quais são em sua opinião os pontos que considera positivos e quais os pontos que você considera negativos no uso dos recursos tecnológicos?

Tudo depende de como você os utiliza e os objetivos que pretende alcançar.

6. Quais seriam as dificuldades que você encontra na utilização desses novos recursos tecnológicos em sua sala de aula?

No momento nenhuma. Mas sei que preciso estar preparada para utilizar os computadores que virão para nossa escola.

7. Por que você acha que os professores não utilizam as Novas Tecnologias, quais são os fatores que geram resistência à utilização das novas tecnologias em sala de aula? Quais seriam os motivos em sua opinião?

Falta de vontade de querer mudar e medo do que é novo.

8. Você e seus colegas discutem a utilização das novas tecnologias os seus planejamentos de ensino? Sim. Não. Por quê?

Algumas vezes sim.

9. O Projeto Político Pedagógico em sua escola contempla a incorporação das novas tecnologias em sala de aula?

Sim, com certeza e também dá todo o respaldo para que a gente possa utilizá-los.

10. Quais seriam as estratégias político e pedagógicas para superar a resistência, se houver, à incorporação das novas tecnologias para o trabalho de sala de aula?

- * Promover cursos de aperfeiçoamento,
- * Garantir a permanência de computadores exclusivos para o trabalho dos professores, tanto para seu planejamento como para utilização em sala de aula com os alunos.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO DE TEORIA E PRÁTICA DE ENSINO
ESPECIALIZAÇÃO EM METODOLOGIA DE ENSINO DAS SÉRIES INICIAIS

CARLISE VEIGA

A Utilização das Novas Tecnologias Aplicadas à Prática Escolar

Questionário/Entrevistas

Nome: Claudia do Roso Mulego Série em que atua: 4^a
Escola: M. Marins de Souza Santos Município: Pinhais
m. Alceu Zielonka

1. O que você entende por Novas Tecnologias aplicadas à Prática Escolar?

Entendo que é uma nova forma inovadora e transformadora de ser aplicada em sala de aula

2. Você utiliza algum recurso tecnológico em suas aulas? Sim. Não. Por quê?

sim, ~~sim~~,

3. Qual é a reação e o aproveitamento de seus alunos quando você incorpora essas novas possibilidades tecnológicas em suas aulas?

Primeiro ficam todos empolgados e agitados mais a aula fica mais produtiva

4. Em que situações você costuma utilizar esses recursos tecnológicos? E com quais objetivos?

sempre para reforçar uma aula, com objetivo de analisar, refletir sobre os conteúdos propostos

5. Quais são em sua opinião os pontos que considera positivos e quais os pontos que você considera negativos no uso dos recursos tecnológicos?

Positivo uma nova forma de vivas e ampliação de conhecimentos avançados
negativo → alguns professores não ter a consciência e responsabilidade de nos saber usar a tecnologia como uso saudável e sim só como um passatempo

6. Quais seriam as dificuldades que você encontra na utilização desses novos recursos tecnológicos em sua sala de aula?

—

7. Por que você acha que os professores não utilizam as Novas Tecnologias, quais são os fatores que geram resistência à utilização das novas tecnologias em sala de aula? Quais seriam os motivos em sua opinião?

não sabem manusear e não terem a responsabilidade e a falta de interesse dos próprios professores p/ a

8. Você e seus colegas discutem a utilização das novas tecnologias os seus planejamentos de ensino? Sim. Não. Por quê?

sim

9. O Projeto Político Pedagógico em sua escola contempla a incorporação das novas tecnologias em sala de aula?

sim

10. Quais seriam a estratégias político e pedagógicas para superar a resistência, se houver, à incorporação das novas tecnologias para o trabalho de sala de aula?

-

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO DE TEORIA E PRÁTICA DE ENSINO
ESPECIALIZAÇÃO EM METODOLOGIA DE ENSINO DAS SÉRIES INICIAIS**

CARLISE VEIGA

A Utilização das Novas Tecnologias Aplicadas à Prática Escolar

Questionário/Entrevistas

Nome: KATILIANE PADILHA Série em que atua: 1º

Escola: MUNICIPAL ALCÉU ZIELONKA Município: PINHAIS

1. O que você entende por Novas Tecnologias aplicadas à Prática Escolar?

TODOS OS MEIOS QUE O HOMEM CRIOU ATRAVÉS DOS TEMPOS QUE PODEM E DEVEM SER UTILIZADOS EM PROL DA APRENDIZAGEM DOS ALUNOS.

2. Você utiliza algum recurso tecnológico em suas aulas? Sim. Não. Por quê?

SIM. PARA MELHORAR AS EXPLICAÇÕES, EXEMPLIFICAR, DAR UMA MELHOR DIMENSÃO E CARACTERIZAÇÃO AOS CONTEÚDOS.

3. Qual é a reação e o aproveitamento de seus alunos quando você incorpora essas novas possibilidades tecnológicas em suas aulas?

BEM MELHOR.

4. Em que situações você costuma utilizar esses recursos tecnológicos? E com quais objetivos?

SEMPRE QUE CONSEGO UM MATERIAL QUE POSSA SER UTILIZADO JUNTO AO PROJETO / CONTEÚDO QUE ESTOU DESENVOLVENDO.

5. Quais são em sua opinião os pontos que considera positivos e quais os pontos que você considera negativos no uso dos recursos tecnológicos?

- MAIS ATRATIVO, MELHOR P/ CONTEXTUALIZAR.

- DIFICULDADE EM ENQUADRAR NAS AULAS

6. Quais seriam as dificuldades que você encontra na utilização desses novos recursos tecnológicos em sua sala de aula?

- EM CONSEGUIR MATERIAIS BOVS.

7. Por que você acha que os professores não utilizam as Novas Tecnologias, quais são os fatores que geram resistência à utilização das novas tecnologias em sala de aula? Quais seriam os motivos em sua opinião?

Por comodismo.

8. Você e seus colegas discutem a utilização das novas tecnologias os seus planejamentos de ensino? Sim. Não. Por quê?

Sim. Informalmente.

9. O Projeto Político Pedagógico em sua escola contempla a incorporação das novas tecnologias em sala de aula?

Sim.

10. Quais seriam a estratégias político e pedagógicas para superar a resistência, se houver, à incorporação das novas tecnologias para o trabalho de sala de aula?

UMA POSTURA MAIS COMPROMETIDA DO PROFESSOR E

DA INSTITUIÇÃO.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO DE TEORIA E PRÁTICA DE ENSINO
ESPECIALIZAÇÃO EM METODOLOGIA DE ENSINO DAS SÉRIES INICIAIS

CARLISE VEIGA

A Utilização das Novas Tecnologias Aplicadas à Prática Escolar

Questionário/Entrevistas

Nome: *Cristiane Navarro* Série em que atua: *2.ª*

Escola: *Municipal Antonio Alceu Zelenka* Município: *Linhares*

1. O que você entende por Novas Tecnologias aplicadas à Prática Escolar?

Usar as diferentes tecnologias em sala de aula, ou mesmo em casa para orientar a aprendizagem.

2. Você utiliza algum recurso tecnológico em suas aulas? Sim. Não. Por quê?

Às vezes. Quando é possível e considero condizente com a aula.

3. Qual é a reação e o aproveitamento de seus alunos quando você incorpora essas novas possibilidades tecnológicas em suas aulas?

*Ficam mais atentos, concentrados.
Às vezes ficam muito agitados dificultando a aula.*

4. Em que situações você costuma utilizar esses recursos tecnológicos? E com quais objetivos?

Para melhorar explicações ou motivar por um conteúdo.

5. Quais são em sua opinião os pontos que considera positivos e quais os pontos que você considera negativos no uso dos recursos tecnológicos?

- A aula fica mais rica.*
- Os alunos ficam muito agitados.*

6. Quais seriam as dificuldades que você encontra na utilização desses novos recursos tecnológicos em sua sala de aula?

- Pouco material condizente com o conteúdo.

7. Por que você acha que os professores não utilizam as Novas Tecnologias, quais são os fatores que geram resistência à utilização das novas tecnologias em sala de aula? Quais seriam os motivos em sua opinião?

- Falta de tempo para planejar e de conhecimento

8. Você e seus colegas discutem a utilização das novas tecnologias os seus planejamentos de ensino? Sim. Não. Por quê?

Não.

9. O Projeto Político Pedagógico em sua escola contempla a incorporação das novas tecnologias em sala de aula?

Sim.

10. Quais seriam as estratégias político e pedagógicas para superar a resistência, se houver, à incorporação das novas tecnologias para o trabalho de sala de aula?

Mais subsídios para os professores.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO DE TEORIA E PRÁTICA DE ENSINO
ESPECIALIZAÇÃO EM METODOLOGIA DE ENSINO DAS SÉRIES INICIAIS**

CARLISE VEIGA

A Utilização das Novas Tecnologias Aplicadas à Prática Escolar

Questionário/Entrevistas

Nome:..... Série em que atua:.....

Escola:..... Município:.....

1. O que você entende por Novas Tecnologias aplicadas à Prática Escolar?

2. Você utiliza algum recurso tecnológico em suas aulas? Sim. Não. Por quê?

3. Qual é a reação e o aproveitamento de seus alunos quando você incorpora essas novas possibilidades tecnológicas em suas aulas?

4. Em que situações você costuma utilizar esses recursos tecnológicos? E com quais objetivos?

5. Quais são em sua opinião os pontos que considera positivos e quais os pontos que você considera negativos no uso dos recursos tecnológicos?

6. Quais seriam as dificuldades que você encontra na utilização desses novos recursos tecnológicos em sua sala de aula?

7. Por que você acha que os professores não utilizam as Novas Tecnologias, quais são os fatores que geram resistência à utilização das novas tecnologias em sala de aula? Quais seriam os motivos em sua opinião?

8. Você e seus colegas discutem a utilização das novas tecnologias os seus planejamentos de ensino? Sim. Não. Por quê?

9. O Projeto Político Pedagógico em sua escola contempla a incorporação das novas tecnologias em sala de aula?

10. Quais seriam a estratégias político e pedagógicas para superar a resistência, se houver, à incorporação das novas tecnologias para o trabalho de sala de aula?